



Sínodo Arquidiocesano de Olinda e Recife 2º Encontro de Formação

Introdução

Estamos dando início a este segundo encontro formativo dentro do percurso sinodal que nossa arquidiocese está realizando. É sempre necessário recordar: sem memória, é impossível se dar conta do caminho que o Espírito Santo está nos propondo. Lembremos: foi no caminho, com os discípulos de Emaús, que Jesus foi lhes explicando todas as coisas. Mais um vez, portanto, como fizemos em nosso último encontro, vamos fazer memória daquilo que vivemos em dezembro do ano passado, procurando sempre, a partir disso, compreender as intuições que Deus está nos fazendo perceber, a fim de termos lucidez e sabedoria em nossas partilhas e decisões.

É fundamental que, permanentemente, nós nos perguntemos: para onde, aparentemente, Deus está conduzindo a nossa atenção? Que sentimentos brotam dentro de mim quando escuto o outro, quando vejo determinada situação? Isso vai nos ajudando a amadurecer a nossa percepção interior sobre as coisas, afinal, recordemos, o papa Francisco nos pede para que a sinodalidade não seja, antes de tudo, um organismo de debates e decisões, mas, em primeiro lugar, de oração e discernimento comunitário.

Sinodalidade na vida e na missão da Igreja – Padre Pedro Igor

1. A primeira coisa que o padre Pedro Igor nos convidou a refletir foi sobre a necessidade de recordar o batismo, um evento fundacional na experiência de fé de cada um de nós. É ele – o batismo – que nos dá uma “corresponsabilidade diferenciada”, ou seja, todos nós somos igualmente responsáveis pelo processo sinodal, ainda que tenhamos missões diferentes. Aqui, vale recordar que esse ponto tem sido frequente em nossas formações, reflexões e partilhas. Desde Dom Paulo Jackson, lá na abertura do nosso sínodo arquidiocesano, passando pelas contribuições do padre Francisco Aquino e das pessoas que falaram espontaneamente, percebe-se uma frequência a respeito desse tema.
2. De acordo com o padre Pedro Igor, o batismo nos coloca a todos no caminho da santidade universal, ou seja, devemos todos crescer na consciência de um chamado comum para a santidade, o que também nos coloca na missão comum de construir a Igreja.
3. Assim, o sínodo é, antes de tudo, um caminho de renovação espiritual e reforma estrutural para tornar a Igreja mais participativa e missionária. De fato, essa tem sido uma outra tônica em nossos encontros: a necessidade de amadurecer a nossa experiência eclesial para nos tornarmos cada vez mais desinstalados, capazes, inclusive, de repensar determinadas estruturas para ganharmos mais liberdade para a missão, alcançando mais pessoas para Deus.
4. Recordar o que disse Dom Paulo na abertura do sínodo: não se trata de procurar números, e, por isso, anunciar; trata-se de fazer a experiência de que encontrar Jesus Cristo é fundamental e maravilhoso na vida de uma pessoa e, por isso, não devemos medir esforços para anunciar o encontro com Jesus.

5. Por isso, disse o padre Pedro Igor, é necessário apostar em uma renovação espiritual, o que o papa Francisco tem solicitado desde a *Evangelii Gaudium*: uma verdadeira conversão entre nós. Para haver renovação espiritual, é preciso haver conversão em cada um de nós, e também uma conversão pastoral. Sugiro que voltemos, inclusive, a recordar as prioridades que Dom Paulo elencou logo na abertura do sínodo.
6. Fazendo eco a isso, o padre Pedro Igor nos indicou aquilo que ele chamou de possíveis “obstáculos sinodais”:
 - 6.1. **Eclesiocentrismo**: quando nós deixamos de colocar Cristo no centro e passamos a supor que a Igreja tem como finalidade anunciar-se a si mesma.
 - 6.2. **Cosmovisão sacerdotal**: quando nós entendemos a Igreja em seu aspecto apenas hierárquico, impedindo o protagonismo dos outros ministérios e vocações.
 - 6.3. **Tradicionalismo**: nas palavras do papa Francisco, isso acontece quando nós vemos a Tradição como um fóssil, como algo que deve ser preservado, e não transmitido. Isso geralmente é acompanhado por uma visão de fé que pinça um período histórico como se ele fosse superior a todos os outros.
 - 6.4. **Individualismo**: trata-se de uma tentação que nos acomete quando em nossa experiência de fé nós queremos nos salvar a nós mesmos sem a capacidade de percebermos que somos responsáveis uns pelos outros.
 - 6.5. **Bolhas e magistérios paralelos**: é muito comum, atualmente, que determinadas pessoas e grupos não acolham o ensinamento da longa tradição da Igreja, inclusive aquele do papa Francisco. O mesmo se dá quando alguns rejeitam a CNBB, como se fosse possível um caminho de Igreja sem passar necessariamente pelas indicações dos nossos bispos.
 - 6.6. **Clericalismo**: trata-se de uma visão em que o padre é o protagonista em todas as coisas, enquanto cabe aos leigos apenas fazer aquilo que lhe mandam.
 - 6.7. **Formação dos leigos, entre eles, os seminaristas**: essa formação pode ser um obstáculo à sinodalidade se ela não incentiva justamente uma forte consciência de igual chamado à santidade e participação na vida da Igreja.
7. Através desses pontos, o padre Pedro Igor chamou a nossa atenção para nos mantermos alertas durante todo o processo sinodal, a fim de que ele – esse processo – possa ser realmente fecundo e frutífero para a nossa Igreja particular.

Conversa no Espírito – Irmã Paula Souza

1. Após a formação, fomos iniciados e experimentamos o método da conversação espiritual, pela Irmã Paula, através do capítulo doze da segunda carta de São Paulo aos coríntios. Nela, fala-se sobre o fato de sermos um só corpo com muitos membros.
2. Através de uma condução orante, pudemos ler a carta de Paulo, escutar as sugestões de Irmã Paula, e partilhar em pequenos grupos.
3. Importante recordar o convite de Paulo para que cada membro do corpo reconheça e valorize a importância dos demais, a fim de que todo o corpo possa ser guiado pela cabeça, que é Cristo. Igualmente relevante observar que, para Paulo, o corpo deve dar maior atenção aos membros que parecem mais fracos, que aparentemente são menos dignos de honra.
4. Isso poderia nos motivar, dentro de nosso percurso sinodal, a desenvolver uma visão de Igreja a partir dos membros aparentemente mais fracos, que mais

precisam do nosso cuidado. Ou seja, abandonar uma visão triunfalista da fé para nos colocarmos próximos de quem mais precisa de nossa atenção.